

A VIDA NA AMAZÔNIA

Pesquisa vai mostrar como trabalham os moradores da região. Numa segunda etapa, serão criadas pequenas fábricas para a produção de medicamentos e cosméticos utilizando como matéria prima essências amazônicas

Onu e UnB mapeiam extrativismo

Cristina Ávila
Da equipe do Correio

A Universidade de Brasília assinou um acordo com a Organização Internacional de Madeiras Tropicais — instituição das Nações Unidas que reúne 56 países — para levantamento sócio-econômico sobre comunidades e produtos extrativistas na Amazônia. O projeto inclui também a montagem de microfábricas de cosméticos e remédios com essências da região. A primeira experiência será com cumaru, semente com cheiro de chocolate usada como fixador natural de perfume, aromatização de charutos e do próprio chocolate. Há mais de um século, moradores de Santarém (PA) trabalham na exportação do produto *in natura*. O projeto é do Instituto de Química e terá financiamento de 350 mil dólares para serem investidos em dois anos.

O dono da idéia, professor Floriano Pastore, acredita que 100 mil famílias trabalhem no extrativismo na Amazônia. Mas esse número é quase um chute, uma estimativa baseada em experiências que ele tem com o trabalho com populações da região. Objetivamente, porém, ninguém tem informações sobre as pessoas que sobrevivem colhendo castanhas, cupuaçu, açai, extraindo óleo de copaíba, andiroba e outras seivas que são transformadas em remédios ou sabonetes. Não há informações organizadas sobre o local dessas atividades ou destino e quantidade dessa produção. "O Brasil não se conhece", diz o professor.

Pastore considera que a pesquisa sobre o extrativismo será o resultado mais importante do projeto. "É importante ter esses dados, para fazer planejamentos econômicos para a região", diz ele. O professor enfatiza que os extrativistas ajudam a preservação da floresta. "Quando têm renda. Quando não têm, se transformam em problema na periferia das cidades", diz.

AGREGANDO VALOR

Pastore fez em seu laboratório, no Instituto Central de Ciências (ICC, o Minhocão da UnB), uma investigação científica a partir de sistemas simples, selecionando a melhor forma de obtenção do óleo de cumaru com a qualidade exigida para industrialização. A partir desses estudos, será montada a experiência piloto em Santarém, para a produção e comercialização do extrato. Como atualmente eles colhem e exportam a semente bruta, na produção do extrato ocorre o que os economistas chamam de *agregação de valor*, que é a transformação da matéria-prima em um produto beneficiado, gerando mais renda para as famílias produtoras.

O projeto prevê ainda a criação de microindústrias produtoras de artefatos de borracha na Amazônia, como mangueiras, peças para geladeira ou automóvel, tudo isso utilizando como matéria-prima lâminas de borracha produzidas por seringueiros em cinco estados da região. As lâminas — uma invenção saída do laboratório de Pastore — são feitas a partir da defumação química do látex graças. A pesquisa e a implantação da estrutura foram financiadas pelo Greenpeace (organização não-governamental sediada na Holanda), que realiza sua primeira experiência de apoio à busca de alternativas econômicas para a Amazônia, em parceria com Ibama. O trabalho que será financiado pelo organismo da Onu será a continuidade de uma experiência que começou em 1994, quando Pastore coordenou o levantamento de 509 espécies vegetais da floresta amazônica, organizadas em CD-rom e vídeos e começou a desenvolver as lâminas de borracha.

Documentação

SOCIOAMBIENTAL

Fonte: CB

Data: 21/12/2000 Pg 17

Class: DG